



Estudo sobre os Sintomas de Depressão entre Graduandos e Pós-Graduandos

Palavras-chave: estudantes de odontologia, depressão, saúde mental.

Autores: Livia Maria De Campos Silva*

Mickael Andrade Ciriaco De Camargo

Vitoria Augusta Oliveira Barbosa

Monitora: Ana Júlia Presuto

Orientação: Profa. Dra. Rosana de Fátima Possobon

Introdução

A depressão é um estado emocional que afeta o humor e dificulta a convivência social, alterando a percepção de realidade caracterizada pela perda do interesse em atividades antes prazerosas, podendo levar, em casos mais graves, à tendência ao isolamento, agressividade e sentimento de culpa (APA, 2014; Maia e Dias, 2020).

Os sintomas de depressão podem impactar no desempenho acadêmico, onde ocorre uma exposição a exigências por responsabilidade, autonomia e criatividade no processo de formação, que podem desencadear no sentimento de insegurança, dúvidas frente ao futuro e medo, além a incontrollabilidade dos eventos e a alta demanda para ser produtivo ao cumprir prazos que podem afetar negativamente o jovem estudante ou o profissional em formação (Zancan et al., 2020; Trigueiro, Caldas e Silva, 2021).

Atualmente há um número elevado de estudos que investigam a experiência do ensino superior para uma melhor compreensão dos processos de adaptação a rotina acadêmica, o sofrimento decorrente do estresse, a presença de alterações emocionais como ansiedade e depressão, e a ideação suicida (Santos et al., 2025). Diante desse cenário, o presente estudo se propôs a identificar o nível de sintomas de depressão em graduandos e pós-graduandos de quatro faculdades de Odontologia.

Metodologia

O projeto de pesquisa foi encaminhado para o Comitê de Ética em Pesquisa e após a aprovação, foram seguidos os passos de coleta e tratamento dos dados.



Participaram do estudo 200 graduandos e pós-graduandos de quatro Faculdades de Odontologia (Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo – FOU SP, Faculdade de Odontologia de Piracicaba – FOP/Unicamp, Faculdade de Odontologia de Araraquara – FOAr/Unesp, Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto – FORP), que preencheram um questionário socioeconômico e demográfico, e o Inventário de Depressão de Beck – BDI-II, por meio de um formulário eletrônico, após concordarem em participar do estudo preenchendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para a coleta dos dados um questionário foi elaborado para obter informações como: sexo, faixa etária, região, universidade, grau de instrução e período/ano de formação. E para identificar os sintomas de depressão, foi utilizado o Inventário de Sintomas de Depressão (BDI) que é um instrumento para verificar uma escala sintomática de depressão, e foi adaptado e validado para a população brasileira por Gomes-Oliveira et al. (2012). O resultado da soma dos scores gerados pelas respostas indica o nível de depressão do avaliado, sendo classificado como: nível mínimo, leve, moderado e severo.

Para a análise dos dados e a descrição das informações coletadas, optou-se por uma análise descritiva da presença e ausência dos sintomas depressivos nas variáveis observadas.

Resultados e discussão

Dos 200 entrevistados, 143 (71,50%) eram do sexo feminino, com predominância das mulheres entre os grupos observados. Em relação a faixa etária houve uma maior adesão com participantes com idade entre 20 e 39 anos totalizando 85,50% (171) da amostra.

Foi possível identificar a presença de sintomas depressivos em 68,50% da amostra (Tabela 1), com maiores elevações na Região Sul (100,00%) e Região Nordeste (80,95%). As participantes do sexo feminino foram as mais afetadas pelos sintomas depressivos, apresentando uma porcentagem de 71,33% dos casos estudados.

Ao observar as faixas etárias dos participantes estudados, os sintomas de depressão superaram a metade da amostra em todos os grupos, em especial, nos participantes acima de 50 anos (83,33%), com idade entre 40 e 49 anos (71,73%) e entre 20 e 29 anos (69,13%).

Tabela 1: Variáveis Sociodemográficas Associadas a Presença ou Ausência de Sintomas de Depressão.

Variáveis		Total		Com Sintomas		Sem Sintomas	
		N	%	n	%	n	%
Global	-	200	100,00%	137	68,50%	63	31,50%
Sexo	Masculino	57	28,50%	35	61,40%	22	38,60%
	Feminino	143	71,50%	102	71,33%	41	28,67%
Faixa Etária	Até 19 anos	16	8,00%	9	56,25%	7	43,75%
	De 20 a 29 anos	149	74,50%	103	69,13%	46	30,87%
	De 30 a 39 anos	22	11,00%	15	68,18%	7	31,82%
	De 40 a 49 anos	7	3,50%	5	71,73%	2	28,57%
	Acima de 50 anos	6	3,00%	5	83,33%	1	16,67%
Região	Norte	1	0,50%	-	-	1	100,00%
	Nordeste	21	10,50%	17	80,95%	4	19,05%
	Centro-Oeste	10	5,00%	7	70,00%	3	30,00%
	Sul	2	1,00%	2	100,00%	-	-
	Sudeste	165	82,50%	110	66,67%	55	33,33%
	Outro País	1	0,50%	1	100,00%	-	-
Universidade	FOP/UNICAMP	154	77,00%	104	67,53%	50	32,47%
	FOUSP/USP	3	1,50%	3	100,00%	-	-
	FOAr /UNESP	21	10,50%	15	71,43%	6	28,57%
	FORP / USP	22	11,00%	15	68,18%	7	31,82%
Grau de Instrução	Graduação	100	50,00%	60	60,00%	40	40,00%
	Mestrado	48	24,00%	36	75,00%	12	25,00%
	Doutorado	52	26,00%	41	78,85%	11	21,15%
Período de Formação	1º ano	40	20,00%	32	80,00%	8	20,00%
	2º ano	66	33,00%	49	74,24%	17	25,76%
	3º ano	45	22,50%	25	55,56%	20	44,44%
	4º ano	30	15,00%	22	73,33%	8	26,67%
	5º ano	19	9,50%	9	47,37%	10	52,63%

Os grupos estudados, conforme indica a Tabela 1, apresentaram maiores índices da variável emocional estudada nos alunos que cursam o Doutorado (78,85%) e o Mestrado (75,00%), com menor elevação no Graduando (60,00%), ainda assim há uma maior presença de sintomas depressivos identificados no estudo.

A Tabela 1 apresenta, ainda, que nos diferentes momentos da formação há presença de participantes com sintomas de depressão, em especial, no 1º ano que atingiu 80% da população estudada, e o 2º ano (74,24%). Ressalta-se que os anos iniciais da formação, tanto na graduação quanto na pós-graduação, corresponde a um período de adaptação, no qual o estado emocional se mostra mais sensível.

Tabela 2: Níveis de Sintomas de Depressão Associados aos Períodos de Formação dos Participantes.

Período de Formação	Total		Sem Sintomas		Leve		Moderado		Severo	
	N	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Global	-	-	63	31,50%	64	32,00%	64	32,00%	9	4,50%
1º ano	40	20,00%	8	20,00%	14	35,00%	17	42,50%	1	2,50%
2º ano	66	33,00%	17	25,76%	23	34,85%	23	34,85%	3	4,45%
3º ano	45	22,50%	20	44,44%	10	22,22%	13	28,89%	2	4,44%
4º ano	30	15,00%	8	26,67%	9	30,00%	10	33,33%	3	10,00%
5º ano	19	9,50%	10	52,63%	8	42,11%	1	5,26%	-	-

Ao observar os níveis de sintomas depressivos em cada período de formação (Tabela 2), é possível identificar que o Nível Severo dos sintomas pode ser identificado de forma significativa maior nos participantes que cursavam o 4º ano (10,00%). Dias et al. (2021) indicam que a vida acadêmica proporciona períodos de grande desgaste emocional, podendo elevar picos de estresse na presença de uma sobrecarga de estudos, o que agrava o estado emocional de indivíduos, e se mostra como um facilitador para a presença de quadros mais graves de Depressão.

Considerações Finais

Foi identificada a presença de sintomas depressivos em 68,50% da amostra, no qual os alunos de Pós-Graduação se destacaram, e os participantes cursando os anos iniciais da formação, com destaque para os casos com Nível Severo aproximando-se de 10,00% no 4º ano.

A presença de um quadro severo de depressão influencia no modo como um indivíduo desempenha seu papel profissional, e se vislumbra enquanto capaz de atuar exercendo seu conhecimento. É na presença da severidade da depressão que a visão de futuro e a capacidade de admirar suas práticas, momentos de prazer e recompensa e correlacionar o saber com a adaptação



à situações e colocado em teste, e perde o valor, sendo necessária uma atenção para a população de graduandos e pós-graduandos no 4º ano, que vivenciam picos de estresse e necessitam de um suporte, para evitar os possíveis agravantes para a Depressão (ansiedade, estresse, bem-estar, qualidade de vida), o que pode levar um indivíduo a uma estafa emocional.

Há uma relação entre os sintomas de depressão e a vida acadêmica, por condições relacionadas a pressão, isolamento, falta de lazer e sono irregular, em especial nos pós-graduandos,

Bibliografia

American Psychiatric Association (APA). Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-V. 5ed. Tradução Maria Inês Corrêa Nascimento. Porto Alegre: Artmed, 2014.

Cruz MSS. O nível de ansiedade e depressão dos alunos do curso de odontologia e a importância do apoio psicológico – revisão de literatura. Revista Cathedral, 2022, 4(2): 24-30.

Dias LG et al. Ansiedade e Depressão em Universitários da Área da Saúde: uma revisão integrativa. Revista de Psicologia, 2021, 15(58): 565-575.

Gomes-Oliveira MH et al. Validation of the Brazilian Portuguese version of the Beck Depression Inventory – II in a community sample. Revista Brasileira de Psiquiatria, 2012, v.34, n.4, p.388-394.

Maia BR; Dias PC. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. Estudos de Psicologia, 2020, 37: 1-8.

Santos AVO et al. Relação entre variáveis sociodemográficas e saúde mental em estudantes do ensino superior brasileiro: uma revisão sistemática. Revista Aracê, 2025, v.7, n.6, p.29064-29089.

Trigueiro ESO, Caldas GFR, Silva JMFL. Saúde Mental e sofrimento psíquico em estudantes universitários. Viçosa: Educação em Perspectiva, 2021, v.12, p.01-18.

Zancan RK et al. Estresse, ansiedade, depressão e inflexibilidade psicológica em estudantes universitários de graduação e pós-graduação. Estudos e Pesquisas em Psicologia, 2021, v.21, n.2, p.749-767.